Os Miseráveis

Os Miseráveis

VICTOR HUGO

Adaptação d
Júlio Emílio Bra

© 2020 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Texto
Victor Hugo

Adaptação
Júlio Emílio Braz

Preparação
Regiane da Silva Miyashiro

Revisão
Cristiana Gonzaga Souto Corrêa
Fernanda R. Braga Simon

Produção editorial e projeto gráfico
Ciranda Cultural

Imagens
Tigger11th/Shutterstock.com;
nubephoto/Shutterstock.com;
Andrew Shevchuk/Shutterstock.com;

Abertura de capítulos
Citações retiradas do texto original
de Victor Hugo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

H895m Hugo, Victor, 1802-1885

Os miseráveis / Victor Hugo ; adaptado por Júlio Emílio Bráz ; traduzido por Francisco F. S. Vieira. - Jandira, SP : Principis, 2020.
208 p. ; 16cm x 23cm. – (Literatura Clássica Mundial)

Tradução de: Les Misérables
Inclui índice.
ISBN: 978-65-5552-081-1

1. Literatura francesa. 2. Romance. I. Bráz, Júlio Emílio. II. Vieira, Francisco F. S. III. Título. IV. Série.

2020-1439

CDD 843
CDU 821.133.1-31

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura francesa : Romance 843
2. Literatura francesa : Romance 821.133.1-31

1ª edição em 2020
www.cirandacultural.com.br
Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

SUMÁRIO

Capítulo 1 7
Capítulo 2 29
Capítulo 3 40
Capítulo 4 53
Capítulo 5 55
Capítulo 6 73
Capítulo 7 79
Capítulo 8 87
Capítulo 9 95
Capítulo 10 98
Capítulo 11 104
Capítulo 12 123
Capítulo 13 128
Capítulo 14 134
Capítulo 15 138
Capítulo 16 142
Capítulo 17 147
Capítulo 18 156
Capítulo 19 168
Capítulo 20 174
Capítulo 21 179
Capítulo 22 187
Capítulo 23 195
Capítulo 24 200
Capítulo 25 204

"Enquanto, por efeito de leis e costumes, houver proscrição social,
forçando a existência, em plena civilização, de verdadeiros infernos,
e desvirtuando, por humana fatalidade, um destino por natureza divino;
enquanto os três problemas do século – a degradação do homem pelo
proletariado, a prostituição da mulher pela fome, e a atrofia da criança
pela ignorância – não forem resolvidos;
enquanto houver lugares onde seja possível a asfixia social;
em outras palavras, e de um ponto de vista mais amplo ainda,
enquanto sobre a terra houver ignorância e miséria,
livros como este não serão inúteis."

Capítulo 1

Muito se falou e outro tanto se escreveu sobre o mundo e as coisas do mundo. Tanto e, na verdade, cada um de nós tem lá suas opiniões sobre a existência humana. A perplexidade é, via de regra, a vala comum em que despejamos nossas maiores inquietações e incertezas sobre ela, mas, acima de tudo, sobre os incontáveis personagens que a povoam. Todos temos uma opinião sobre aqueles que conhecemos mais profundamente, mas também sobre aqueles pelos quais passamos ou apenas cruzamos o olhar ocasionalmente, os piores comentários e considerações quase sempre reservados para os desconhecidos ou para

aqueles que francamente odiamos, quando não queremos o mal. Sob tais considerações, a desconfiança, ou mesmo a franca hostilidade, é uma arma legítima a empregarmos contra aqueles que desconhecemos ou de quem, por este ou aquele motivo, desconfiamos.

Jean Valjean sentia na carne tais sentimentos e impressões há mais tempo de que se recordava. Provavelmente se lembrava, afinal de contas, quem se esquece de uma ofensa recebida ou violência sofrida?

Tudo se fizera insuportavelmente igual e rotineiro desde que os muros da prisão ficaram para trás. Tola ilusão, constatava depois de um daqueles intermináveis dias longe deles. Em certa medida, jamais os abandonara. Podia senti-los em torno de si a cada segundo, sempre que aqueles olhares o alcançavam ou o examinavam escrupulosamente. Sempre que se via parado por soldados na estrada ou por policiais nas vilas e cidades por onde passava. Estigma monstruoso, por mais que disfarçasse ou tentasse dissimular, algo nele, no seu comportamento, quem sabe, nos seus olhos duros e ressentidos por conta de antiga e imperecível injustiça, aqueles olhos o despiam de qualquer máscara de que pudesse se valer para esconder o passado de presidiário.

Cansara-se e, aos poucos, fora se irritando com a hostilidade surda daqueles desconhecidos e a condenação irremovível que o acompanhava aonde quer que fosse. Enredara-se nos liames de uma armadilha perversa trançada pelos papéis os quais, em princípio, garantiam que era um homem mais uma vez livre e que até o último dia de sua condenação fora cumprido. Longe de assegurar que podia ir para onde quisesse e estabelecer-se onde bem entendesse, muito pelo contrário, aqueles papéis asseguravam a aversão e o distanciamento da maioria e a violência tanto de certos policiais quanto de gente que nunca vira. Esgueirava-se pelas trilhas escuras das florestas, evitava as estradas principais, e mesmo a convivência com o resto da humanidade parecia terminantemente proibida para ele. Refugiava-se em cavernas. Viajava preferencialmente nas noites escuras e sem lua. Dormia às escondidas em construções abandonadas e poucos eram os que, apiedados de sua condição, se

dispunham a sequer o alimentar, desconfiando até mesmo do dinheiro que afiançava ter juntado ao longo de seus anos de prisão. Estava livre, mas, ao mesmo tempo, sentia-se condenado.

Não existia resignação ou medo, mas, sim, uma crescente revolta. Por vezes, a humilhação fora tamanha que sentira ímpetos de arrojar-se sobre este ou aquele, saciar a fúria incontida estreitando suas mãos imensas em torno do pescoço daquele que o ofendia ou mesmo o ameaçava com uma arma. Uma parte de si ainda tentava escusar tais pessoas, atribuindo a seu corpo de dimensões verdadeiramente colossais parte da responsabilidade por aquele temor e desconfiança cotidianos. Era um homem excepcionalmente corpulento e forte, e os anos de trabalho forçado e castigos corporais apenas agravaram tanto o avantajado de suas dimensões quanto o temor nos olhos dos que cruzavam o seu caminho. Fosse o que fosse, os primeiros dias na pequena e insignificante Digne foram de redobrada cautela. Transformou-se praticamente em um fantasma, esgueirando-se pelos campos, preferindo a noite para se deslocar e evitando ao máximo a proximidade e mesmo os olhares da população extremamente desconfiada e, como outras tantas iguais a ela, presumivelmente hostil. É certo que se aventuraria a ter qualquer tipo de contato com qualquer um deles se não tivesse ouvido casualmente a conversa de um grupo de mulheres. Foi a primeira vez que ouviu pronunciado o nome de Monsenhor Bienvenu.

Não que se interessasse sobremaneira ou que algo chamasse tanto a sua atenção para o velho religioso. Já tivera experiências anteriores bem ruins com outros homens que se diziam de Deus como ele e de muitas delas não guardava boas recordações. Prudentemente, preferia evitá-lo, como fizera em relação à gente de Digne. Sua existência solitária e quase invisível tornara-se um refúgio seguro e inalcançável pela maldade humana, dizia de si para si.

"O que aquele homem poderia lhe dar além da hostilidade e da incompreensão comum a tantos outros?" – perguntava-se.

Os anos de prisão não fizeram tanto para transformá-lo como aqueles poucos meses em liberdade. Amargurado e triste, deixara para trás o homem que um dia acreditara na bondade humana e na possibilidade redentora do perdão. Era um condenado e seria sempre. Não acreditava que Monsenhor Bienvenu pudesse ser diferente dos outros tantos que cruzaram seu caminho. Apesar disso e com a persistência cada vez maior dos comentários sobre a grande bondade dele, desfez-se de suas restrições e resolveu procurá-lo.

Nunca soube explicar muito bem a si mesmo o porquê. Talvez a solidão respondesse pelo seu gesto e o desespero agravasse a necessidade do olhar do outro, fosse quem fosse esse outro. A curiosidade poderia ser a explicação mais simples. Tão bem se falava daquele homem que Jean Valjean, aos poucos, deixou-se levar pelo interesse por comprovar, e mesmo experimentar, a tão alegada benignidade do religioso. O mais provável, no entanto, é que tudo não passasse pela falta de alternativas que permeava seus dias vazios, a fome apertando e vencendo seus receios mais persistentes. Por este ou aquele motivo, certa noite, ele o procurou.

O bom bispo de Digne, sem sombra de dúvida, fazia jus a tudo o que se dizia dele, principalmente no que tangia à grande bondade de seu coração. Nascido Charles-François Bienvenu Myril, filho de nobres, tornara-se religioso um pouco depois de perder a esposa que tanto amava para uma doença pulmonar que a acometeu quando os dois moravam na Itália. Sem filhos e praticamente sem família, destruída no turbilhão sangrento de morte e destruição que consumiu a França nos anos da Revolução de 1793, acometido por uma tristeza que por vezes o levou a pensar em pôr fim à própria vida, finalmente voltou-se para a religião e tornou-se padre. Estavam então no ano de 1815, e Jean Valjean o encontrou dividindo a sólida, mas relativamente modesta, construção que ocupava nos arredores da pequena Digne com a irmã Baptistine, tudo que lhe restara da família e dez anos mais nova do que ele, e uma antiga criada, uma velhinha baixa e muito gorda conhecida como Magloire.

Uma vida pacata feita de frugalidade extrema e renitente austeridade, bem mais comum a um eremita do que a um bispo, por mais remota e pobre que fosse a região sob sua responsabilidade. Aliás, vida iniciada praticamente em sua chegada, quando Bienvenu trocou a relativa ostentação do palácio episcopal por aquela singela construção e o antigo hospital, depois daquele dia, veio a ser transferido justamente para o palácio episcopal.

O mais absoluto desprendimento diante dos bens materiais abriria praticamente de imediato todas as portas da gente rude e mais humilde da região para o religioso e, em igual medida, definiria a persistente desconfiança dos mais favorecidos. Todos eram iguais não só aos olhos de Deus, mas também aos olhos de Monsenhor Bienvenu. Suas portas estavam abertas para todos, a qualquer dia ou hora, e mesmo nos dias e noites de inverno mais rigoroso, quando a neve cobria as montanhas e fazia praticamente desaparecer o vilarejo, sua casa era porto seguro para moradores ou simples viajantes. Onde grassava a doença ou a fome, lá com certeza se encontraria facilmente a boa alma de Digne, como muitos o conheciam, e, em suas palavras, a voz serena e acolhedora, os mais desesperados sempre encontravam o necessário refrigério, a paz e o consolo para levarem suas vidas difíceis. Por isso, mas acima de tudo por conta de tudo o que ouvira nos dias anteriores à sua decisão de procurá-lo, Jean Valjean não se surpreendeu quando o religioso, a despeito dos murmúrios de apreensão e do persistente olhar de hostilidade e desconfiança da velha Magloire, abriu a porta e gesticulou para que entrasse. O sorriso amistoso o recebeu bem antes de dizer qualquer coisa, a menor palavra, e encheu-se de solicitude enquanto o acompanhava até uma sala fracamente iluminada.

– Eu precisava apenas de um lugar para descansar e de um pouco de comida... – principiou, a voz receosa e indisfarçavelmente tensa.

Bienvenu apontou para uma das cadeiras em um dos lados de uma sólida mesa e disse:

– Minhas portas estão sempre abertas para qualquer filho de Deus que passe por aqui, meu filho... a qualquer hora.

– Estou muito cansado... andei doze léguas e estou com muita fome. Posso ficar?

O sorriso amistoso do religioso alargou-se ainda mais enquanto ele se virava para a velha Magloire e pedia:

– Ponha outro prato na mesa, senhora Magloire. Não vê que temos visita?

Novo olhar hostil lançado na direção de Jean Valjean e, depois de um instante, a velha empregada, contrariada, saiu da sala.

Vendo o visitante relutar em sentar-se, Bienvenu indagou:

– Não quer sentar?

– Não... quer dizer, sim...

– Pois então...

Olharam-se, Jean Valjean por fim dando um passo na direção do religioso, nervosismo evidente.

– Creio que devo lhe dizer que sou um ex-presidiário – admitiu. – Acabo de sair da prisão...

Bienvenu balançou a cabeça e disse:

– Não é necessário...

Jean Valjean desdobrou uma folha de papel amarelada e a ofereceu ao religioso.

– O que é isso? – perguntou Bienvenu.

– Minha declaração de liberdade. Eu tenho de carregá-la para onde for e apresentar a qualquer um que encontre, mesmo quando ele não solicitar...

– Não aqui, meu filho.

– Mas...

– Não aqui. Agora sente-se.

Jean Valjean guardou o pedaço de papel de volta no bolso. Sentou-se.

– Eu posso pagar... – insistiu.

Bienvenu sorriu.

– Pagar? Pagar pelo quê?

– Pela hospedagem e pela comida.

– Não será necessário.

– Eu tenho dinheiro...

– Meu filho...

– Economizei durante os dezenove anos que passei na prisão...

– Santo Deus, homem! – espantou-se o religioso. – Que crime tão grave cometeste para ficar tanto tempo preso?

Os olhos de Jean Valjean iluminaram-se, uma centelha de antiga indignação e revolta dardejando a escuridão.

– Um pão – respondeu, entredentes, calando-se em seguida quando Magloire retornou com uma fumegante terrina de sopa que colocou na mesa entre ele e Bienvenu.

Calou-se. Logo que o prato foi colocado à sua frente, Jean Valjean apossou-se de uma concha que ainda estava na mão da empregada. Magloire recuou, assustada, e lançou-lhe um olhar de viva repugnância. Ele afundou a concha no líquido espesso e submeteu-se ao delicioso aroma que se desprendia do vapor que lhe alcançou as narinas. A empregada ensaiou um protesto, voltando-se para o religioso. Este gesticulou com indulgência, insistindo para que se calasse, indicador atravessado sobre os lábios e, em seguida, para que se retirasse. Por uns instantes, limitou-se a observar e, em certa medida, encantar-se com a sofreguidão alimentar do ex-presidiário antes de acompanhá-lo em um silencioso repasto noturno. Uma ou outra pergunta foi feita e respondida de imediato, meros grunhidos ou breves monossílabos, aos quais aquiesceu compreensivamente. Respeitou tanto a voracidade (sequer imaginava há quantos dias não tinha uma refeição decente) quanto as poucas informações que recebia. Ele lhe diria o que considerava necessário que soubesse e se questionava sobre se haveria informação mais importante ou prejudicial a ele mesmo que pudesse dar sob aquelas circunstâncias.

Um ex-presidiário.

Dezenove anos de condenação pelo roubo de um quase insignificante pão?

"Inacreditável" – disse de si para si, enquanto o observava, à falta de melhor ou mais adequada definição, literalmente devorar um grande pedaço de carneiro.

– Não temos apenas isso na despensa, não é mesmo, Magloire querida? – observou, sorridente, voltando-se para a empregada de pé à cabeceira da mesa.

Delicada censura que a fez sair e retornar um pouco depois carregando uma tábua de madeira sobre a qual jaziam três quartos de um queijo do qual Jean Valjean tirou três grandes fatias. O pão de centeio teve idêntico destino. Os figos de um pequeno prato desapareceram como que por encanto. Um solitário pedaço de bolo reduziu-se a poucas migalhas no fundo de outro prato.

Ele estava realmente esfomeado. Comia como se não o fizesse há semanas. Aqui e ali, lançava um olhar envergonhado para a empregada e para Bienvenu, desviando-o apenas para observar as facas, as colheres e os garfos de prata que relutantemente Magloire trouxera para a mesa. Aliás, não tirava os olhos deles desde que vira a empregada espalhá-los ordenadamente pela mesa. Desviou-os uma ou duas vezes somente quando percebeu que Magloire o observava, vigilante e desconfiada.

Em vão procurou escapar à tentação, praticamente hipnotizado tanto por sua visão quanto pela dos dois castiçais igualmente de prata que o religioso insistira que trouxesse de seu quarto para iluminar o jantar. Um inferno. Bienvenu falava, sorria e perguntava, bem sabia, pois via seus lábios se moverem e a irremovível máscara de generosidade e interesse que cobria seu rosto bonachão. Respondia de forma vaga, desinteressada, os olhos e, na verdade, cada fibra de seu corpanzil como que absorvida pela imagem de talheres e castiçais de prata que se fixaram em sua mente. Esforçou-se para que não percebessem. Mesmo depois que, saciado e cada vez mais sonolento, saíram da mesa e se entregaram a uma conversa das mais agradáveis, pelo menos para o religioso, que se mostrava sinceramente interessado em ouvi-lo, não tirou nenhum deles da cabeça.

– Ah, queira me desculpar, meu filho... – disse Bienvenu por fim. – Você, cansado e sonolento e eu, tagarelando como um insensível.

Estava enganado. Completamente. Houvesse sono ou não, ele se dissipara rapidamente, e uma persistente insônia acompanhou Jean Valjean quando o bispo o deixou em um dos quartos da casa. Os talheres. Os castiçais. Prata. Todos de prata. Afugentavam qualquer mínima vontade de dormir. Deitou-se. Em vão. Colheres, garfos, conchas, até outros tantos objetos que nem foram colocados na mesa assombravam seu sono, mas, por fim, apenas os castiçais persistiam, tentadores, infernais. Algo de muito ruim apossava-se de sua vontade, quebrando o pouco de resistência que encontrava dentro de si, representado por antigas lembranças.

O pão...

A fome, o desespero provocado pela fome que anos antes o levara a roubar um pão e, consequentemente, ser preso e enviado para a prisão onde passou dezenove anos sempre sobrevinham quando a tentação do roubo o assediava.

A falta de sono era a consciência atormentando-o com os últimos vestígios de lembranças bem antigas do homem bom que fora em tempo esquecido, perdido ao longo do cotidiano torturante dos anos de prisão. Certamente era o pouco que ainda resistia daquele homem desempregado, porém decente que, no auge do desespero, mais angustiado com a fome que matava os sobrinhos do que com a própria, roubara um pão.

Foram cinco anos aos quais foram acrescentados outros tantos depois de cada nova tentativa de fuga até alcançarem os dezenove anos de condenação injusta e sofrimento cotidiano em uma das mais sombrias prisões da França.

Nesses momentos, confrontando o homem que fora e o que havia se tornado, Jean Valjean se angustiava. Pensar nos castiçais apenas aumentava seu tormento, assim como as lembranças boas e ruins de uma existência dividida e, até então, praticamente irremovível.

Bicêtre.

O inferno na terra. A prisão infame. A grande devoradora de homens, mas antes, a implacável destruidora de convicções e almas generosas. A desolação que devolvia até o mais forte dos homens à sua animalidade. Sobreviver a ela não era voltar à vida, mas antes carregar os piores instintos para a vida de outros. Em certa medida, compreendia os olhares hostis e uma ou outra arma apontada para si ao longo daqueles tempos de uma liberdade tão sem sentido. Em Bicêtre, aprendera a odiar a tudo e a todos. Sua revolta investira-se de uma fúria cega contra qualquer um que cruzasse o seu caminho, como nos tempos dos corredores fétidos e escuros da prisão.

Todos eram maus. Não fora um juiz cujo nome não se recordava mais que o condenara e o mandara para a prisão, mas cada uma daquelas pessoas que passava por ele nas ruas das cidades e nas muitas estradas pelas quais trafegou desde que abandonara seus muros altos. Não devia nada a ninguém, a não ser a maldade, a esperteza, a vilania e outros tantos sentimentos ruins. Mesmo homens como Bienvenu, aparentemente bons e generosos, poderiam esconder dentro de si criaturas tão odiosas quanto aquelas com as quais partilhara os martírios de Bicêtre. Não poderia se deixar iludir. Não deveria se encher de remorsos ou sentimento de culpa por pensar em roubar-lhe os castiçais de prata, mas muito pelo contrário, deveria fazê-lo o mais depressa possível, enquanto ele e as duas mulheres dormiam. Caso um deles se colocasse em seu caminho, por que não os matar?

Nada devia a nenhum deles. Não deveria se privar talvez de uma nova oportunidade de recomeçar através do dinheiro que certamente conseguiria se vendesse os castiçais. Sabia que alguém os compraria. Mais do que isso, tinha absoluta certeza. “Bastaria mostrá-los a qualquer um, e a cobiça, a avareza e a necessidade de tudo ter e tudo desejar, bem comum à maioria dos homens, fariam o resto” – filosofou.

Esforçou-se para não pensar muito sobre Bienvenu e seus bons sentimentos. Preferiu atribuí-los a uma artimanha, outra das tantas máscaras que as pessoas à sua volta usavam costumeiramente para enganá-lo, condená-lo, maltratá-lo ou, como antes, enfiá-lo no inferno de Bicêtre. Tudo aquilo não passara de hábil engodo cujo propósito ainda não estava muito bem definido em sua cabeça e o qual não tinha nem tempo nem interesse em descobrir qual seria.

É, era isso mesmo.

A comida, farta e boa. O vinho. A cama macia, onde o sono quase o dominou e o deixou à mercê sabe-se lá do quê. Os sorrisos. A preocupação aparentemente genuína. Tudo. Tudo. Tudo. Tudo uma armadilha. Não era real e, portanto, não cairia nela. Não se deixaria enganar nem que os mesmos bons sentimentos que o levaram à prisão o impedissem de fazer o que tinha de fazer para se livrar daquela nova prisão que era a vida longe de Bicêtre.

Algo, uma inquietação que não soube explicar e muito menos compreender, ainda o manteve na cama por um bom tempo. Rolou de um lado para o outro, incomodado, debatendo-se sempre que o sono sobrevinha, despertando-o para uma decisão da qual se esquivava. Bienvenu era uma lembrança recente que não saía de sua cabeça e o imobilizava.

Ele lhe pareceu um homem bom. Alma generosa. Sinceramente indignado com o que lhe acontecera.

Ainda se via entregue às suas dúvidas e hesitações quando o relógio da catedral soou duas vezes. Duas horas da manhã. Como que liberto de amarras poderosas, saltou da cama e esgueirou-se pela casa às escuras. Imbuído de uma familiaridade recém-adquirida, fruto amargo dos muitos anos passados nos intermináveis e eternamente escuros corredores de Bicêtre, esgueirou-se com facilidade pela casa e chegou à sala em que horas antes jantara com Bienvenu. Os talheres de prata ainda estavam sobre a mesa. Sopesou um por um, calculista, certamente calculando quanto receberia por eles. Duzentos, trezentos francos. Jogou-os no fundo da mochila onde carregava seus poucos pertences e encaminhou-se para a porta que se abria para os jardins. No momento em que soaram três horas da manhã, rumou para

o muro e saltou, fugindo para bem longe da pequena Digne o mais depressa possível.

Noite clara de lua cheia e denunciadora, mal enveredou por um dos ermos que levavam para as montanhas e viu-se frente a frente com um grupo de soldados que vinham em sentido contrário, retornando ao lugarejo depois de uma noite inteira de patrulha pela região. Assustou-se, e o instinto do homem que passara boa parte de sua vida confinado em uma prisão falou mais alto que o bom senso. Recuou e quis voltar sobre os próprios passos. Tropeçou e caiu, atraindo a atenção dos soldados, que, no instante seguinte, correram em sua direção.

– Pare! – gritou o mais velho deles.

Jean Valjean levantou-se ainda zonzo, equilibrando-se sobre as pernas trêmulas com extrema dificuldade. Tropeçou e caiu mais duas ou três vezes. A mochila escapou-lhe por entre os dedos, e os talheres despejaram-se de dentro dela em uma chuva faiscante e prateada. Vários soldados lançaram-se sobre suas costas e engalfinharam-se, prostrando-o de bruços.

– Tirem as mãos de mim! – protestou o ex-presidiário, mais por medo de ser desmascarado e preso do que por legítima e justificada indignação.

Ergueram-no, manietando-lhe os braços, um deles estreitando seu pescoço com um dos braços. Sufocou. Os olhos embaçados lacrimejavam. Protestou inocência quando o cabo que comandava a pequena tropa exibiu a concha de prata que tinha nas mãos e perguntou:

– De onde você tirou isso, seu patife?

Jean Valjean sacudiu a cabeça com vigor, em uma negativa absolutamente inútil. Os outros soldados o golpeavam com os punhos e rugiam "ladrão" repetidas vezes e, por fim, arrastaram-no de volta a Digne. Pelo caminho, foi amanhecendo e crescendo a multidão de camponeses e moradores do povoado que, atraídos pela grande confusão e pela colossal figura de Jean Valjean, constituiu-se em um feroz cortejo que clamava por justiça e vingança contra o criminoso que ameaçava

trazer medo e intranquilidade para um lugar tão calmo quanto Digne. Muitos dentre eles o reconheceram...

– Ele esteve em minha casa ainda na semana passada. Eu sabia que não era boa coisa, eu sabia...

– Eu não roubei nada! – gritava Jean Valjean de tempos em tempos.

– Mentiroso! – urravam rostos enfurecidos que emergiam do anonimato da multidão para lançar-lhe uma pedra ou golpeá-lo com uma bengala ou cajado.

Em um frêmito de desespero, o ex-presidiário mentiu:

– Foi o bispo que me deu! Perguntem ao bispo! Foi ele...

Raiava o dia quando alcançaram a casa de Bienvenu. Atraído pelo forte alarido, o religioso já os esperava à porta e, depois de lançar um olhar apressado para Jean Valjean, agitou as mãos de modo apaziguador, insistindo para que todos se acalmassem.

– Monsenhor... – o comandante da tropa inclinou a cabeça em uma breve reverência e retirou o chapéu de modo respeitoso. A um gesto seu, os soldados arrojaram seu prisioneiro na direção do religioso.

Jean Valjean prostrou-se de joelhos, cabisbaixo e trêmulo, evitando o olhar de Bienvenu.

– Que fez este homem para merecer tal tratamento? – perguntou o religioso, olhando em torno. – Por que o trazem até mim?

– Ele diz que o conhece, monsenhor...

Bienvenu deu uns poucos passos na direção de Jean Valjean e, sorrindo amistosamente, de braços abertos, perguntou:

– O que houve, meu bom homem? Esqueceu alguma coisa? Por que voltou?

O militar mais velho colocou-se entre ambos e, apontando para o ex-presidiário, contrapôs:

– O senhor o conhece?

Bienvenu tornou a olhar para Jean Valjean e seu sorriso alargou-se um pouco mais.

– Foi bom trazê-lo de volta, cabo.

O militar entreolhou-se com os outros soldados, tão surpreso quanto o próprio Jean Valjean, o qual levantou a cabeça e o encarou.

– Então o senhor o conhece? – disse um dos soldados

– Como não, cabo? Ele foi meu hóspede no dia de ontem. Aliás, eu queria lhe agradecer imensamente...

– Senhor?

Bienvenu sorriu para Jean Valjean e, ignorando os olhares desconfiados dos soldados e da multidão, continuou:

– Quer saber? Deveríamos agradecer ao cabo por trazê-lo de volta. Acredito que o senhor não notou...

Jean Valjean empalideceu, boquiaberto e ainda bem assustado.

– Não notei...

– Eu lhe dei os castiçais também e você os esqueceu. Você percebeu que os esqueceu? Somente eles já lhe garantirão mais de duzentos francos, e nós dois sabemos como esse dinheiro chegará em boa hora para o senhor, ou não?

Mudo de espanto, o ex-presidiário nada dizia, tão confuso quanto cada um daqueles homens e mulheres que se amontoavam silenciosamente na frente da casa do velho religioso, uns francamente envergonhados.

– Então o senhor realmente deu esses talheres para ele? – insistiu o cabo.

Bienvenu sorriu para ele, tranquilizador.

– Ele não lhe contou?

O militar sorriu, embaraçado.

– Dizer ele disse, mas o senhor compreende, não?

– Compreendo o quê, cabo?

– Ele é...

– Ele disse a verdade, cabo.

– Então o senhor realmente deu a prataria para ele?

– Certamente. Ele não lhe disse?

– Disse.

– E o senhor não acreditou?

– Ele não diz outra coisa desde que o pegamos na estrada para Portalier...

– Que eu dei minha prataria para ele?

– Exatamente. Quer dizer que posso soltá-lo?

– Deve. Aliás, nem sei por que exatamente o senhor e seus homens o prenderam, pois ele lhes disse a verdade. Acredito que tudo não passou de um grande e lamentável engano... – O bispo entrou e um pouco depois retornou, os dois castiçais nas mãos. Parando diante de Jean Valjean, ofereceu-os a ele, dizendo: – E teve até um lado bom, pois posso concluir a minha doação. Vamos, meu bom homem, pegue! Eles são seus.

Os soldados se afastaram do ex-presidiário, que se pôs de pé e apanhou os castiçais, incapaz de dizer qualquer palavra, por menor que fosse, ou mesmo de dissimular seu espanto. Nada parecia real aos seus olhos, a começar pelo gesto de Bienvenu.

O que estava acontecendo?

O que se escondia por trás de seu gesto?

Por que ele estava lhe dando os castiçais e todos os outros talheres de prata?

Incompreensível.

– Agora é melhor você ir andando – disse o religioso, fazendo o sinal da cruz tanto para ele quanto para os soldados e a multidão, antes de insistir: – Você ainda tem uma longa jornada pela frente, ou não?

Jean Valjean concordou silenciosamente, com um tímido aceno de cabeça.

– Vocês também – apelou Bienvenu, virando-se para todos em torno deles. – Voltem para suas casas em paz.

Foi rapidamente obedecido. Jean Valjean esperou ainda uns instantes até ver-se sozinho na companhia do religioso. Constrangido, fugiu de seu olhar e já se virava para partir quando o sentiu achegar-se e, quase em um sussurro, dizer:

– Nunca se esqueça do que me prometeu, meu bom homem...

Jean Valjean o encarou, espantado.

– Prometi?

Bienvenu voltou a sorrir e esclareceu:

– Nunca se esqueça de que me prometeu usar o dinheiro que certamente conseguirá com a venda desses objetos apenas para se tornar um homem de bem.

Depois que ele entrou, Jean Valjean, sem saber o que fazer, dizer ou mesmo para onde ir, abraçado aos dois castiçais, ainda tentou encontrar aquela promessa em algum ponto remoto de sua memória. Inútil. Não se lembrava de promessa alguma. O religioso o enganara ou se enganara ao dizer aquelas palavras.

– Lembre-se bem – as últimas palavras de Bienvenu ainda ressoariam por muito tempo em sua cabeça. – Você não é mais o homem que entrou ontem em minha casa. Não pertence mais ao Mal, mas se esforçará até o último de seus dias para fazer o Bem. Eu comprei sua alma com esses objetos e com meu gesto e terei de prestar contas ao Senhor quando finalmente o encontrar; tiro-lhe todos os seus maus pensamentos e o afasto do espírito de perdição para que sua alma seja entregue a Deus.

Jean Valjean finalmente correu. Correu muito. Correu o quanto pôde e para o mais distante de Digne e daquelas montanhas. Muitos anos depois daquele dia, ele ainda se surpreendia pensando sobre tudo o que havia acontecido. O velho Monsenhor Bienvenu sempre era aparição costumeira nessas horas. Por vezes, confundia-se acerca dos caminhos que percorreu e para onde foi. Ignorava mesmo quem havia adquirido a prataria. Rememorava cada sentimento que experimentou ao longo de tão tormentosa peregrinação através de si mesmo. O ódio intenso que o fez pensar em voltar e agredir a todos que o humilharam. O enigma impenetrável que sempre se constituiu para ele as reais motivações de Bienvenu. O desvelamento de uma promessa que em tempo algum se lembrava de ter feito. A loucura e o desvario que o levou a descarregar

toda a sua perplexidade em alguns que cruzaram o seu caminho pouco depois de deixar Digne. Uma criança da qual tirara uma moeda. O padre que viajava despreocupadamente no lombo de uma mula e que fugiu dele, apavorado, quando o abordou, cheio de remorsos, incapaz de lembrar-se do que realmente fizera e do destino que dera à criança. Loucuras, a mais desesperadora aquela que o levou a prostrar-se sobre os joelhos na solidão das montanhas e chorar por muitas e muitas horas. As primeiras lágrimas depois de quase vinte anos...

Angustiava-se, temendo jamais ser capaz de ser real e completamente bom como prometera a Monsenhor Bienvenu, e aquela dúvida o perseguiria por muitos e muitos anos.

"Ninguém guarda melhor um segredo que uma criança."

Poucas coisas na existência humana a definem e a singularizam como as relações entre as pessoas e a relação de cada uma delas com seus sentimentos. Nenhum sentimento é tão inescapavelmente humano quanto o amor. Nenhum sentimento é tão destruidoramente humano quanto o amor.

Fantine bem o sabia e, em retrospecto, depois que o melhor dele se desfez nas águas turvas do fim inevitável de todas as coisas e ele se resumia a pálidas lembranças de uma felicidade fugaz e cada vez mais distante, quando a realidade se impõe e nos confronta, ainda assim não se arrependia. Sofria, mas não se arrependia.

Fora o que fora e cada segundo se fizera extraordinariamente bom. O sonho maravilhoso da primeira paixão verdadeira, e que se supõe obviamente eterna, apossou-se do coração da jovem humilde que abandonava a vida simples de uma pequena cidade no interior para o torvelinho de novidades que desde o primeiro dia foi Paris.

Ah, Paris seria sempre Tholomyès...

Mesmo depois que a última ilusão se desfez e o amargo do cotidiano de decepções e sofrimentos tomou-a por completo, não conseguia

livrar-se de sua imagem, até do mais tolo sorriso. As palavras e juras apaixonadas, bem como os carinhos e as incontáveis promessas, estariam para sempre em sua mente, inclusive para lembrá-la de como fora tola.

Pobre Fantine, como fora ingênua. Como se deixara levar tão facilmente?

Alguém poderia condená-la?

Quando chega a paixão, desfaz-se a razão e somos levados repentinamente a sentimentos e atos que normalmente nos assustariam se os víssemos ser cometidos por outro que não nós. Deixamos de nos pertencer para pertencer àquele ao qual dedicamos nosso interesse, mas, acima de tudo, aos sonhos quase sempre tolos por serem, antes de qualquer coisa, impossíveis de se realizar. Assim se passou com Fantine.

Primeiro amor. A profusão de desejos, atordoante e invencível, à qual sucumbiu seria facilmente explicável por sua ingenuidade. Era jovem, uma criaturinha até meio boba e presa fácil de um homem como Tholomyès. Assim se deu. Mal seus olhares se cruzaram e todos os pruridos e receios vieram abaixo, desfizeram-se como a névoa diáfana de uma simples manhã de outono sob o sol da voz embriagadora de Tholomyès, à sedução de seus poemas, recitados nas muitas noites de amor a que se entregou em poucos dias, sôfrega e sem restrição alguma. Facilmente conseguiria recitar cada palavra das muitas promessas feitas e finalmente identificaria a leviandade oculta em cada uma delas.

A grande lembrança, a que se faria invencível na marcha implacável do tempo e se repetiria interminavelmente nos dias ruins que se seguiriam àquela felicidade tão fugidia, seria sempre aquele final de tarde em um restaurante na Champs-Élysées. Simplesmente, triste ironia, seria o momento em que experimentou a maior felicidade de sua vida.

Ela jamais se repetiria. Nunca. Ilha solitária e contraditoriamente luminosa na vastidão inóspita de um mar de tristezas e sofrimentos crescentes, cotidianos...

"Vós, que sofreis, porque amais, amai ainda mais. Morrer de amor é viver dele..."

Próximo e tão distante. Amada e abandonada, porém feliz com a lembrança, tola esperança de quem nada mais tem na vida a não ser o consolo de algum dia ter sido feliz, mesmo que de modo fugaz.

Arrependimento?

Sim, a todo momento, depois de cada momento de dor e humilhação, a rotina que a acompanharia em seu lento, porém inevitável, processo de degradação. Apesar disso, sempre haveria aquele dia em sua memória. Ainda sorria quando Tholomyès e seus amigos abandonaram a ela e às amigas no restaurante na Champs-Élysées...

Como era mesmo o nome?

O que dissera, quais foram as últimas palavras que dissera?

Pouco importava.

O sorriso. Os sorrisos. A felicidade. Seu. Dele. De todos. Tudo era absolutamente possível em sua vida naquele dia memorável...

Ah, como esquecer?

Tholomyès deixara um bilhete. Ele e os amigos trocavam sorrisos quando Fantine o recebeu de suas mãos. Eles prometeram voltar, mas, depois de certo tempo, tanto ela quanto as amigas, sem compreender muito bem o que se passava e até ofendidas, resolveram voltar para casa.

Brincadeira boba, de mau gosto, reclamavam, para, no momento seguinte, rirem de si mesmas. Aqueles sorrisos as acompanhariam até bem depois de chegarem em casa, e o de Fantine desfez-se somente quando desdobrou o pequeno pedaço de papel e leu o que Tholomyès lhe escrevera. Sem rodeios e até com certa crueldade, ele se despedia. A leviandade de cada palavra que recitaria até o último de seus dias como uma impiedosa condenação a seu amor e a crença infantil de que era igualmente amada feriram-na de morte. Ela e seu amor. Tudo ficaria ainda pior quando, alguns meses mais tarde, nasceu sua filha com Tholomyès.

Sem alternativas, abandonada até mesmo pelas amigas, abandonou Paris e voltou para casa. Em momento algum pensou em contar a verdade aos pais e, nos poucos meses que se seguiram ao nascimento de sua filha, a pequena Cosette, enredara-se em tão extenso cabedal de mentiras para esquivar-se à condenação de vizinhos e qualquer um que dela se aproximasse que seu maior receio era de que, mais cedo ou mais tarde, acabasse desmascarada por si mesma, pela incapacidade de continuar mentindo.

Jamais chegaria a Montreuil-sur-Mer, a cidade onde nascera e onde acreditava que poderia recomeçar e cuidar com tranquilidade da filha. No meio do caminho, ainda em Montfermeil, uma cidadezinha nos arredores de Paris, impressionou-se com a maneira carinhosa como uma estalajadeira cuidava das filhas. O local chamava-se "Ao Sargento de Waterloo", e bastariam uns poucos momentos na companhia daquela mulher para que Fantine se convencesse de que seria bem mais prudente deixar Cosette aos seus cuidados do que arriscar a si e o futuro da filha. Pesou em sua decisão a possibilidade sempre presente de que fosse desmascarada e de que a condenação de todos, a começar por sua família, relegasse-as a um destino infame ou pelo menos cheio de dificuldades.

Não foi fácil convencê-la e ao marido, o proprietário da estalagem. Seu nome era Thénardier e, a cada palavra dita por Fantine, ele opunha algum obstáculo, pretextava toda sorte de dificuldades...

– A senhora compreende, não? Criança pequena dá muita despesa e nós já temos filhos...

– Eu arcarei com todas as despesas... – comprometia-se Fantine, angustiada.

– ... não sei se teríamos condições de lhe dar a atenção de que ela precisa e merece. Ela é tão pequenininha, não?

Fantine fez mais promessas do que realmente poderia cumprir. Assegurou que trabalharia o mais que pudesse e em qualquer coisa para que nada faltasse à menina, mas principalmente para que o casal

não se arrependesse de ter aceitado sua proposta. No auge do desespero, chegou a fazer promessas sabendo antecipadamente que não teria condições de cumprir, o que, sem o perceber, serviu somente para fragilizá-la diante dos olhos calculistas do estalajadeiro e de sua mulher; além, é claro, de cegá-la às evidências.

Confiar em qualquer pessoa sempre envolve um risco potencial, e dessa assertiva nem os melhores amigos escapam (muitas vezes, bem ao contrário, eles se transformam com inacreditável facilidade em temíveis inimigos). Mal Fantine deu-lhes as costas, o casal apressou-se em pagar uma antiga dívida com o dinheiro que lhes deixara para custear os primeiros meses de despesas de Cosette. Aliás, dinheiro que não poderia ter chegado em melhor hora, pois estavam ameaçados de perder a estalagem. Não se passou muito tempo e os dois também estavam vendendo o rico enxoval de seda que Fantine comprara para ela e o substituindo, sem o menor escrúpulo ou piedade, pelas roupas mais velhas de suas filhas que cresciam. E seria apenas o início do calvário da pobre criança, que, à medida que crescia, se tornava vítima das pequenas e grandes maldades das filhas de Thénardier e se via transformada na empregada de todos. Nem um carinho e sequer vestígio de afeto, mas, antes, pancadas, a raiva injustificada e, por isso mesmo, mais dolorosa, os restos de toda família que, enquanto isso, se fartava com o dinheiro que Fantine continuava mandando anos a fio.

Nem a menor desconfiança sobre os infortúnios por que passava a filha. Como poderia saber?

Nas cartas que recebia do casal, lia que Cosette crescia alegre, feliz e despreocupada, cada vez mais bonita e gentil. O único momento em que se inquietava era quando os Thénardier insinuavam que o dinheiro que enviava volta e meia se fazia insuficiente para que continuassem dando do bom e do melhor para a pobre Cosette. Mesmo a gente de Montfermeil, boa parte deles desconhecendo as remessas periódicas de dinheiro de Fantine ou a origem da criança, considerava, e alguns até

externavam para a própria Cosette, que ela deveria julgar-se agradecida por ter casa e comida tão generosamente oferecidas pelo estalajadeiro e sua esposa.

Miúda e volta e meia enfermiça, Cosette seria conhecida por Cotovia por muitos moradores, uns poucos ainda se compadecendo de sua condição. Era sempre a primeira a acordar e a última a deitar-se no "Ao Soldado de Waterloo". Praticamente vivia das sobras, como os cachorros das robustas filhas dos Thénardier, e, em seu silêncio assustadiço e dos mais infelizes, os olhos tristes que aparentavam incompreensão acerca de sua situação (pois, quanto a sua origem, todos insistiam que não fazia parte da família e que fora abandonada por sua mãe) pareciam sempre perguntar...

Onde estaria sua mãe?

Por que a deixara com aquela gente tão ruim?

Não gostava dela?

Não se importava?

Por quê?

"A miséria de uma criança interessa a uma mãe,
a miséria de um rapaz interessa a uma rapariga,
a miséria de um velho não interessa a ninguém."

Capítulo 2

Pai Madeleine transformara Montreuil-sur-Mer, era comentário recorrente na cidade. Na verdade, não ele especificamente, mas a grande fábrica que construíra dez anos antes. As ruas sonolentas e os poucos prédios haviam ficado para trás, bem como a miséria e todas as dificuldades que fizeram parte da existência do então lugarejo ignorado por tudo e por todos.

Montreuil-sur-Mer prosperava a olhos vistos desde que o primeiro tijolo fora assentado. As antigas construções desapareceram em menos de dois anos, substituídas por outras bem maiores e mais sólidas. A precariedade de buracos infernais e do esgoto a céu aberto cedera lugar a vias mais largas e seguras. A fábrica atraía mais e mais moradores, como a luz atrai a nuvem de mosquitos nos verões mais tórridos. A riqueza esfumaçava a cidade, que se espalhava em todas as direções, mas quem se importava?

O dinheiro enchia bolsos e amortecia consciências. Muitas das preocupações mais prementes cediam prazerosamente lugar à felicidade barulhenta de bares e festas permanentes, à aparição de bordéis e, com eles, os fregueses que vinham até de vilas e cidades vizinhas para gastar